

SEIS TEMPOS DE UMA VIDA: APONTAMENTOS SOBRE A BIOGRAFIA POLÍTICA DE LEONCIO BASBAUM

Angélica Lovatto*

RESUMO: Leoncio Basbaum (1907-1969) escreveu sua autobiografia, *Uma vida em seis tempos: memórias*, finalizando-a pouco antes de ser repentinamente tirado da vida. Este artigo presta uma homenagem ao autor, apresentando apontamentos de sua biografia política, como também um panorama sintético do conjunto de sua obra, para que se compreenda o comprometimento do historiador e a acuidade teórica do militante.

Palavras-chave: Leoncio Basbaum. Brasil República. PCB.

Leoncio Basbaum (1907-1969) escreveu *Uma vida em seis tempos: memórias*¹, finalizando-a pouco antes de ser repentinamente tirado da vida. Em sua obra há um misto de balanço histórico e de comprometimento militante, típico de quem não perde a acuidade teórica, mas não abre mão de propor alternativas concretas à realidade de seu país.

Podemos dizer que um grande dilema perpassou a existência do pernambucano Leônicio Basbaum: as relações com o Partido Comunista Brasileiro, ao qual se dedicou desde muito jovem. Ele se filia ao partido em 1926 e se afasta em 1958, segundo os relatos de suas *Memórias* (Cf. 1978, p.249),² momento de sua mais profunda decepção com a agremiação. No livro de seu filho, Hersch Basbaum, *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador* (1999) – espécie de continuidade da biografia do pai – sua saída definitiva é apontada no ano de 1962.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2016.v53n1.08.p128>

* Professora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas (UNESP-Marília) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Coordenadora do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Pensamento Político Brasileiro e Latino-americano”. E-mail: angel.lovatto@gmail.com.

¹ São Paulo: Alfa-Omega, 2ª.ed., 1978.

² Além da própria autobiografia de Basbaum e do livro que completa sua biografia *Cartas ao Comitê Central*, já referido, não identificamos estudos que tenham tomado – como objeto exclusivo – o entendimento e a análise da totalidade da obra do autor pernambucano. No entanto, merece destaque o artigo escrito por Ângelo José Silva, na Revista *Novos Rumos* (publicada em 2005) com o título “Epístolas e parábolas ou de como os militantes comunistas procuraram sintetizar fé e razão”, que foi um interessante esforço em fazer uma aproximação entre os dilemas vividos por Mário Pedrosa e Leônicio Basbaum, em suas respectivas atuações políticas e em suas vivências como intelectuais de esquerda, apesar das distintas trajetórias.

Na verdade, nunca houve documento do partido que decretasse seu desligamento. E o próprio autor viveu, por diversas vezes, a sensação de afastamento e de reaproximação.³

O filho, Hersch – em função de ter recebido das mãos do pai os originais de suas *Memórias* apenas uma semana antes da inesperada morte de Leôncio Basbaum, ocorrida em 7 de março de 1969 – ficou com a amarga sensação de que faltava alguma coisa a ser dita naqueles seis capítulos que tinham sido meticulosamente redigidos. A própria publicação das *Memórias* também teve um caminho tortuoso e difícil. Encontrar uma editora que aceitasse publicar um texto tão candente na crítica às atividades pecebistas não foi tarefa fácil, até que acabou efetivando-se apenas em 1976, quando a editora Alfa-Omega levou a cabo o projeto, isto é, a mesma editora que havia publicado os volumes da coleção sobre História do Brasil. Houve uma reedição em 1978.

Muitos anos mais tarde, em 1999, o filho conseguiu desaguar aquela sensação de ausências ou lacunas que poderia habitar o texto original do pai. Desde sua morte, tinha feito um esforço em juntar todos os documentos que pudesse encontrar, todas as cartas escritas ao partido ou aos membros da direção – ou ainda aos próprios filhos, manifestando as agruras que o pai sentia e enfrentava – a fim de publicá-las num livro. Mas queria publicar não somente as cartas, em versão integral. Sentia que podia também, comentá-las, dar sua contribuição, sem em nenhum momento pretender alterar o sentido e o significado que Leôncio havia construído em *Uma vida em seis tempos*, mas com o único fito de aprofundá-las. E o fez: “Em síntese: oportunidade, conveniência e legitimidade de uma nova biografia – complementar – de Leôncio Basbaum, ficaram asseguradas. Sinto necessidade de comentar aquilo que subjaz de suas próprias explicações. *Ou melhor, ele explica o fato e eu tento interpretar a sua explicação*” (Hersch Basbaum, 1999, p.22) Na leitura, ficam ainda mais evidenciadas as contradições que o intelectual Basbaum sentiu na atuação política em sua agremiação partidária.

O dilema vivido por Leôncio Basbaum não foi diferente de outros intelectuais que passaram pelo PCB: desprestígio, ausência de eco de suas leituras teóricas nas estratégias e táticas do partido, subordinação do intelectual às tarefas práticas, predominância do chamado obreirismo. Lógico que, com isso, não quero aqui assumir o discurso de quem desvaloriza a atuação do PCB na história do Brasil, sem dúvida, o partido de esquerda de maior presença no século XX. Mas apenas deixar registrado que – independentemente de nossa concordância ou discordância com as teses pecebistas ao longo da história – é imprescindível enfrentar a crítica

³ A Coleção Leôncio Basbaum, que reúne cópias de cartas e documentos redigidos para o Comitê Central e/ou amigos ou membros da Direção do PCB, está alocada no AMORJ – Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, que faz parte do Programa de Preservação da Memória do PCB. (Cf. Pessanha e Nascimento, 1995).

à atuação desta agremiação política, sem – por isso – ser confundido com uma eventual posição anticomunista.

Mas se Basbaum viveu praticamente os mesmos dilemas de todo intelectual que atuou no PCB, ele carrega uma particularidade, apontada pelo prefaciador do livro do filho:

O caso de Basbaum, contudo, apresenta a peculiaridade de se tratar de um médico, de uma família de comerciante de posses. O fato curioso, que chama a atenção na leitura das *Cartas ao Comitê Central*, está na dupla incapacidade de se decidir, até quase o final de sua vida, pela integração subalterna ao partido ou pelo retorno à vida “normal”, de comerciante ou de médico, onde poderia ser bem sucedido. Na verdade, a preferência de Leôncio, apesar de sua situação financeiramente cômoda em certo momento, sempre foi pelo partido que o repelia. (...) Era como se, no fundo, esse materialista convicto, acreditasse na frase: “Fora do Partido não há salvação” (Rodrigues, 1999, p.11)

Lendo o livro *Uma vida em seis tempos (memórias)*, percebe-se o esforço de Basbaum em periodizar a própria vida quase na mesma tônica em que aparece na coleção *História Sincera*, isto é, os seis tempos de sua existência são um reflexo daquela jornada de esforço teórico (e prático) de entender o Brasil: o tempo dos sonhos (da infância a 1924), os tempos áspers (de 1924 a 1933), os tempos burgueses (de 1933 a 1942), o tempo da desilusão (de 1942 a 1948), o tempo da desesperança (de 1948 a 1958), o tempo de afirmação (de 1958 a 1969). Pelas limitações que o espaço destinado a este estudo naturalmente impõe, vou privilegiar um conjunto de referências mais marcantes na história do autor no partido, sem contudo sequer chegar próxima do que seria uma reflexão mais aprofundada sobre o tema. A opção aqui é a de – pelo menos – deixar demarcado o quanto ainda é possível refletir sobre a vida e a obra deste importantíssimo intérprete do Brasil.

O “tempo dos sonhos” (da infância até 1924) traz um breve relato sobre sua vida em Recife, de sua descendência judia – filho de pai comerciante – e de sua formação em Medicina. Autonomiza-se depois de formado e vai para o Rio de Janeiro. Foi aí que teve início o que chamou de “tempos áspers”, quando em 1926 conheceu o PCB e filiou-se. Este é, sem dúvida, o maior capítulo de suas *Memórias*. Basbaum descreve pormenorizadamente o que significa militar dentro de uma agremiação comunista, num Brasil que terminava a Primeira República, passava pela crise de 1929 e assistia ao início do governo Vargas. Daí seu relato deste período terminar em 1933, momento em que a Internacional Comunista pedia para o partido organizar “Comitês de luta contra a guerra”. Basbaum foi crítico em relação a essa posição por entender que era uma bandeira que fazia sentido para os países da Europa, mas não para o Brasil, “pois não havia a menor possibilidade de interessar os operários brasileiros na luta contra a guerra, mais ainda num ‘período de estabilização capitalista’, conforme diziam os próprios documentos da IC” (Basbaum, 1978, p.144).

Isso custou a Basbaum – ainda mais porque ele mesmo tinha sido o encarregado do partido para a organização dos tais comitês – um violento ataque em reunião do Comitê Central, sendo acusado de “uma série de crimes e *desvios* cometidos no decorrer dos trinta dias de minha atividade” (Basbaum, 1978, p.145). Esses desvios teriam sido: resistência à linha do Partido, sabotagem às instruções – exercendo uma influência pequeno-burguesa pernicioso sobre o partido – além de relações suspeitas com Odilon Machado que, no entanto, era membro do próprio partido. (Cf. Basbaum, 1978, p.145) Basbaum tinha que escrever uma carta ao CC “reconhecendo seus erros”. Ele relata que ficou profundamente chocado, pois acreditava que pelo menos alguns dos camaradas pudessem ponderar o eventual absurdo daquelas acusações. Ao contrário, um membro chamado Menezes “falou qualquer coisa sobre a influência pernicioso dos intelectuais” (Basbaum, 1978, p.145) e outro “Grazini, alegando desconhecer os problemas, nada disse. E isso me decepcionou, pois ele me conhecia bem e sabia que eu não seria capaz de fazer a metade das coisas de que me acusavam” (Basbaum, 1978, p.145).

Este evento não tinha sido o único de confronto com o partido até 1933, mas certamente foi a gota d’água. Basbaum chegou a escrever a carta, mas “não seria uma carta de ‘reconhecimento de erros’, como havia feito em São Paulo, um ano antes” (Basbaum, 1978, 147), mas uma carta de acusação:

Nessa carta tentei mostrar que o Partido continuava mergulhado no obreirismo e, em vez do antigo esquerdismo que o levava a inventar sindicatos vermelhos e a “preparar a insurreição armada”, estava agora numa linha oportunista de direita, de adaptação à nova situação do País, pensando inclusive em colaborar para uma Constituição burguesa. Dizia ainda que me manteria afastado do Partido pelo tempo necessário, mas garantia que os inimigos do Partido não se valeriam de mim para destruí-lo” (Basbaum, 1978, p.147)

Basbaum voltou à Recife com sua família – já era casado e com filhos – para viver o que chamou, numa fina ironia, de “tempos burgueses”, voltando a atuar como gerente das Lojas Brasileiras, ocupação à qual periodicamente voltava, depois de tempos de dedicação ao partido, pois – mesmo em atuação – lhe possibilitava ser transferido para as filiais onde fosse mais importante seu trabalho junto ao PCB. No início de seu retorno à Recife, uma dúvida lhe assaltava:

Teria eu exagerado a importância da minha dignidade pessoal, sustentando as minhas idéias, em vez de, por um hábil oportunismo, aceitar o que me diziam e mandavam fazer, despersonalizando-me, só para continuar pertencendo a um Partido que estava seguindo por uma linha errada? (Basbaum, 1978, p.149)

Sem uma resposta definitiva, essa fase de afastamento praticamente total de qualquer contato com a política partidária durou até 1942, quando teve início o “tempo da desilusão”. Uma lenta reaproximação ao PCB levou-o novamente ao Rio de Janeiro. Com a proximidade do fim da Guerra e a nova correlação de forças da URSS com o bloco ocidental, foi efetivada a

dissolução do Comintern⁴ pelos soviéticos. Isso gerou alguns equívocos no entender de Basbaum. Apesar de todos compreenderem que “a dissolução do Comintern era uma medida política, de caráter tático, do governo da URSS, tomada em plena guerra, para permitir uma aliança mais forte com as Nações Unidas”, esse aspecto foi tomado literalmente por alguns membros do partido no Brasil, para os quais – diante da aliança com os EUA e Inglaterra – a luta de classes teria perdido o sentido e, “assim também a existência dos Partidos Comunistas”. (Basbaum, 1978, p.181) Para o autor, ao contrário, essa dissolução do Comintern significava “a independência dos Partidos Comunistas”. (Basbaum, 1978, p.181) A posição do CC – neste momento já com as presenças de Arruda, Grabois, Amazonas, Pomar, entre outros – chegou a ser coincidente com esse entendimento: “Essa foi, inicialmente, também a posição do novo CC, mas, na realidade, a partir de 1945 o PCB se amarraria de tal modo ao PC da URSS, que se sentia incapaz de espirrar sem pedir licença a Moscou”. (Basbaum, 1978, p.181)

Terminou em 1948 esse “tempo das desilusões” – com os reiterados desgastes que a posição do PCB no pós-segunda guerra causou – na já tumultuada atuação de Basbaum no partido.

Teve início o “tempo da desesperança”, período onde novamente o vaivém de afastamentos e reaproximações é a tônica do autor, mas – desta vez – com uma definitiva posição de afastamento em 1958. Já fizemos um conjunto de referências mais diretas sobre este período – e de forma mais sistemática – nos dois itens anteriores deste capítulo, que trataram da coleção *História sincera*. Mas apenas a título de reforço, convém lembrar que o principal dilema de Basbaum aqui foi a realização do IV Congresso do PCB, em 1954. Sua crítica é sempre ácida e, neste momento da redação de sua biografia, as tintas pesam ainda mais do que no volume de história, que tratou do assunto:

Fora o 4º. Congresso, em suma, uma grande farsa, uma impostura, e revelava assim a verdadeira face dos Arrudas, Grabois, Pomares e Marighelas que infestavam, como pulgas, a direção do Partido, com a inocente conivência de Prestes” (Basbaum, 1978, p.222)

Aliás, sobre as relações de Basbaum com Luiz Carlos Prestes, tanto no livro de Memórias (1978), quanto no livro de seu filho (1999), são relatadas e/ou transcritas integralmente o conjunto de cartas dirigidas pelo autor ao dirigente máximo do partido, que chegou a respondê-las, sem no entanto submeter as propostas de Basbaum a quaisquer instâncias partidárias.

Durante estes dez anos (1948-58) e nos 11 anos subsequentes dos “tempos de afirmação” (1958-69), Basbaum procurou dedicar-se intensamente aos estudos – e não de forma

⁴ Ou “Komintern”, do alemão *Kommunistische Internationale*, em referência à Terceira Internacional Comunista.

esporádica como acontecia durante sua dedicação ao partido – o que resultou na efetivação – antes só planejada – da coleção *História sincera da república*, mas também numa série de outros estudos, de caráter mais filosófico ou sociológico que, no presente texto, não estão em discussão.⁵

Livre das peias do Partido, onde ler qualquer coisa que não fosse estritamente aprovado pelo Partido Comunista da URSS ou do Comintern, era falso e perigoso, não senti embaraços em me aprofundar, na medida que alcançava a minha inteligência, na “filosofia e ciência burguesa”. Mas sempre com um sentimento de desconfiança sobre a real validade do que estava lendo. E tudo submetia à crítica. Onde estava realmente a verdade? E como seria ela? Eu a reconhecera, quando a encontrasse?” (Basbaum, 1978, p.153)

É bem verdade que – nestes tempos bicudos – o autor viu-se em plena idade de 50 anos sem ter alcançado uma posição econômica de sobrevivência que lhe desse uma condição de total dedicação à atividade intelectual. Tentou resolver esta situação – após peregrinações por hotéis de segunda classe e de uma nova acomodação em São Paulo (a esta altura, como já referimos anteriormente, estava separado de sua primeira esposa) – trabalhando no projeto da Editora Autores Reunidos:⁶ “ofereci meus préstimos ao Tito [Batini], para trabalhar sem ordenado e somente à base de comissões sobre livros que eu escolhesse para editar”. (Basbaum, 1978, 257) Fez um plano de publicar uma Coleção chamada *História Viva*, uma espécie de memórias onde autores escolhidos narrariam os acontecimentos ligados à sua pessoa e relacionados com a história contemporânea do Brasil: “Fiz uma longa lista, na qual se incluíam os nomes de Prestes, Julio de Mesquita Filho, Café Filho, Carlos Cavalcanti (...) Paulo Duarte, entre outros” (Basbaum, 1978, p.257). A coleção não vingou porque os autores, mesmo contatados e aceitando em princípio o convite para escrever, não fizeram efetivamente a redação do material. O único que declinou literalmente de participar da proposta foi Prestes, a quem Basbaum tinha enviado uma carta, convidando-o para escrever. A resposta enviada não a Basbaum, mas à editora, dizia que “sentia muito mas não tinha tempo” (Basbaum, 1978, p.257).

Ficou até 1961, pois a editora não conseguia se manter. No entanto, a experiência tinha muito lhe agradado: “com minha entrada na editora, mudei de ambiente, sem querer, e entrei em contato com muitas pessoas que não conhecia ou que há muito eu havia perdido de vista”, pois percebeu que “uma editora é sempre um ponto de convergência ou de concentrações de

⁵ Deste momento até o final de sua vida, Basbaum também escreverá – além dos estudos sobre o Brasil – os livros: a) *Fundamentos do materialismo*, publicado em 2ª edição como *Sociologia do materialismo* (1959); b) *No estranho país dos iugoslavos* (1962), fruto de sua viagem àquele país; c) *Processo evolutivo da história* (1964); d) *História e consciência social* (1967); e) *Alienação e humanismo* (1967). A fim de deixar completo este quadro de suas publicações, cumpre informar que seu primeiro livro, publicado em 1934, *A caminho da revolução*, levava o pseudônimo de Augusto Machado. Além disso, *Sociologia do materialismo* teve duas edições em Buenos Aires.

⁶ Essa editora tinha sido “constituída por Tito Batini, Marcos Rey, Mário Donato e Hernani Donato”, (Basbaum, 1978, p.256-57).

escritores ou futuros escritores que desejam fazer amizade com editores” (Basbaum, 1978, p.258). Além disso, o autor relata que, entre essas pessoas, havia sempre comunistas e, sobretudo, ex-comunistas: “Estes eram, aliás, encontrados em toda parte. Creio que o Brasil é a maior concentração mundial de ex-comunistas. (Basbaum, 1978, p.258)

Aos poucos conseguiu estabelecer sua própria editora – na verdade uma agência literária – a Edaglit, “sigla que tirei do seu nome comercial, Editora e Agência Literária” (Basbaum, 1978, p.264). Na verdade, a criação desta agência se devia ao fato de que o autor “havia recebido representação das casas editoras de Bucarest, Budapest e Varsóvia”, quando de sua viagem para a Iugoslávia. No entanto, para frustração de Basbaum, ele não encontrou no Brasil quem se interessasse por essas obras.

Resolveu então tocar a agência só como editora, mas “eu queria que minha editora se especializasse em obras sobre a História do Brasil, particularmente do período republicano, tão pouco conhecido e mal estudado entre nós” (Basbaum, 1978, p.264-65). Tentou retomar o projeto de convidar autores a escrever sobre sua própria vida e a relação com o Brasil, de onde certamente não excluiu as figuras dos pecebistas Agildo Barata e Astrojildo Pereira: Com estes dois “somente iria conversar mais tarde, quando já estabelecido com minha própria editora, a Edaglit” (Basbaum, 1978, p.257).

Mas, como sempre havia pautado sua vida pela participação política e já não tinha como atuar no PCB, chegou a tentar – neste mesmo início da década de 1960 – a criação de uma nova organização política, que se firmou como o MUPP – Movimento Unitário do Povo Brasileiro, inclusive com sede de três salas no Edifício Martinelli em São Paulo. No entanto, pelas vicissitudes do processo político brasileiro, a organização, ao invés de crescer, ficava cada vez menor. E não deu certo. O próprio Basbaum, que ocupava a posição de presidente do MUPP, acabou saindo por discordar dos encaminhamentos que os demais membros queriam imprimir. Basbaum admite um grande defeito que sempre teve em sua atuação política:

Sempre fui um *organizador*, nunca um *agitador*. Dêem-me dez pessoas e eu as organizo. Nunca seria capaz, por mim mesmo, de conseguir essas dez pessoas. Esse era o meu principal defeito, segundo eu mesmo pensava. (Basbaum, 1978, p.261)

Como sabemos, estes três anos anteriores ao golpe de 1964, foram de criação de partidos e/ou rachas de partidos existentes, incluso aí o maior racha que o PCB veio a conhecer, que originou em 1962 no PC do B, com orientação mais alinhada com o comunismo chinês. Isso sem falar da AP – Ação Popular, que chegou a ter importantíssimo papel na liderança dos estudantes no pré-1964. Basbaum não passa ileso por isso e, após a frustrada tentativa do MUPP afirma que:

Iniciava-se no Brasil, entre os elementos chamados “de esquerda” ou “revolucionários”, uma nova divisão. Além do PC do Brasil, de simpatias stalinistas e chinesas, que se havia constituído, com Amazonas, Pomar, Grabois, José Duarte e outros, formava-se um grupo de simpatias castristas, que não pensavam senão em organizar guerrilhas na Avenida Ipiranga” (Basbaum, 1978, p.267)

Após o habitual sarcasmo, o autor justificava sua posição dizendo que ninguém pensava “em conscientizar o povo, procurar uma mensagem que o cativasse” e nem que “tentasse organizá-lo para futuros embates”, isto é, “a coisa tinha que ser aqui e agora” (Basbaum, 1978, p.267).

Sua decisão de mergulhar ainda mais nos estudos e coleções – às quais já vinha se dedicando, ou como autor ou estimulando outros autores através da Editora Edaglit – é tomada por volta de 1962: “Compreendi que a confusão era grande e não me sentia capacitado para desfazê-la. Assim, decidi que tinha mesmo de voltar aos livros e escrever” (Basbaum, 1978, p.267)

Quando ele termina de escrever sua *vida em seis tempos*, acabou sendo surpreendido pela fragilidade da vida. Na última página é possível ver como ainda estava cheio de energia e tinha planos para escrever mais: “Espero viver ainda muitos anos, para me dar tempo, pelo menos, de terminar dois livros que tenho em mente”. Estes livros seriam sobre *A revolução nacional no Brasil* e *As origens da história*, neste último caso um estudo sobre filosofia da história “que sempre foi uma de minhas paixões intelectuais” (Basbaum, 1978, p.296). Infelizmente, não pudemos vir a conhecer estes estudos.

A obra de Leoncio Basbaum

Leônicio Basbaum, ao afirmar que além de interpretar o Brasil, também desejava transformá-lo, parece estar em perfeita consonância com a XI *Tese sobre Feuerbach*. Por isso, vale a pena resgatar literalmente a frase onde Marx deixa claro que “Os filósofos nada mais fizeram que *interpretar* de diverso modo o mundo; mas trata-se, antes, de transformá-lo”. (Marx, 1982, p.180)

Basbaum não foi um historiador comum do Brasil. A favor dele estava a disposição – e a circunstância – de não se fechar num circuito teórico e acadêmico restrito. Talvez, justamente por essa liberdade, tenha produzido seus quatro volumes de *História sincera da república* de maneira tão singular, sem os entraves de uma ciência supostamente neutra, como tanto proclamam as vertentes positivistas da história. Sua consciência desse aspecto, era também sua escolha: “Eu deveria, como cabe a um historiador, fazer, tanto quanto possível, uma análise fria e objetiva dos fatos e documentos, tal qual um marciano julgando a Terra” (Basbaum, 1986,

p.9) Mas Basbaum não era um marciano. Seu sarcasmo deixa clara a opção teórico-metodológica no campo do marxismo:

Encarada a História como *ciência*, com suas características de *método e relação com a realidade*, um mundo novo surge aos nossos olhos, por trás de cada fato ou acontecimento. Desse modo ela nos permite não só explicar o presente, e compreender o passado, mas também *prever o futuro*, ou pelo menos, antever as perspectivas do desenvolvimento de cada fato estudado, na medida do nosso conhecimento das causas e das leis que as governam. (Basbaum, 1986, p.11)⁷

Não poderia ser diferente, afinal este médico de formação, historiador por força das circunstâncias e “militante” por opção, devotou pelo menos 32 anos de sua existência à atuação no PCB – Partido Comunista Brasileiro, que – diga-se de passagem – nem sempre foi recíproco à dedicação de seu militante histórico.

A sinceridade do historiador tem um preço, segundo ele mesmo: “Não sendo porém historiador nem habitante de Marte, vi-me por vezes arrastado, contra minha vontade, em certos trechos, a um tom quase panfletário”. (Basbaum, 1986, p.9) No entanto, segundo os propósitos estabelecidos para apresentar sua perspectiva como historiador de seu próprio país, o autor justifica: “É que, como o poeta, não posso pensar no passado, presente ou futuro do Brasil, sem me comover”, dizendo estar convencido “de que essa minha emotividade não prejudicou os objetivos do meu trabalho nem torceu a verdade dos fatos”. (Basbaum, 1986, p.9)

Basbaum preocupou-se fundamentalmente em realizar um estudo crítico sobre o Brasil. Esse é o principal valor de seu trabalho. Neste sentido, é imprescindível lembrar que no período em que projetou e efetivou a coleção, eram raros os estudos não-oficiais sobre a história brasileira, pautada por versões conservadoras. Mesmo que não se concorde com todas as teses expostas em seus volumes – ou do modo como ele escreveu uma interpretação do Brasil – seu estudo representa um bem-vindo frescor, trazido à tona, sobre a nossa história. É uma referência.

A dedicação para escrever seus quatro volumes de *História sincera da república* foi feita no período da maturidade, e coincidiu com o afastamento completo das atividades que o envolviam no PCB.⁸ Foi em 1953 que ele esboçou o projeto de escrever aquele que viria a ser o primeiro volume, cujo recorte temporal cobria das origens até 1889: “Fiz um plano para uma História da república e comecei a trabalhar nele. Levou-me todo o ano de 1953. No ano seguinte consegui terminá-lo” (Basbaum, 1978, p.220). Estávamos, portanto, em pleno governo Getúlio Vargas, quase às vésperas do que viria a ser o seu ato derradeiro, em agosto de 1954. /

⁷ Em todas as citações, os grifos em itálico são do autor. Só fiz alguma observação, quando o grifo foi meu.

⁸ A atuação no PCB será tratada no item 4 do presente texto.

Mas o ano de 1953 também seria o da convocação do 4º. Congresso do PCB. Nas páginas de suas *Memórias* (1978), Basbaum descreve as incoerências do partido que, antes do suicídio de Vargas, proclamava sua derrubada⁹ e, depois de sua morte – e subsequente comoção popular – mudava as palavras de ordem e a própria estratégia: “Nós tínhamos, agora, de levantar a bandeira da luta antiimperialista (agora Getúlio era antiimperialista) que estivera nas mãos de Getúlio” e, empunhando essa bandeira, “ir para a rua, arvorá-la como o estandarte da revolução”. (Basbaum, 1978, p.224)

Basbaum terminou de escrever o primeiro volume em dezembro de 1954,¹⁰ portanto após a morte de Getúlio. Mas a publicação do livro só viria a ser efetivada três anos depois, cujo editor seria Carlos Ribeiro, da Livraria São José. A publicação apenas em 1957 deveu-se ao fato do autor ter tentado a publicação inicialmente com “um livreiro chamado Prado, que editava irregularmente, alguns livros escolhidos”. (Basbaum, 1978, p.228) A apresentação a esses dois editores é relatada por ele como uma generosidade de Gondin da Fonseca, “a quem não conhecia pessoalmente, mas por quem eu tinha grande admiração, pelas atitudes desassombradas que tantas vezes assumira”. (Basbaum, 1978, p.228). O autor enviou-lhe uma cópia dos originais, através de seu filho Artur Basbaum, no Rio de Janeiro:

Pois um mês depois, mais ou menos, justamente quando, à beira da falência, eu estava com o moral mais deprimido do que nunca, ele me telefonou de São Paulo, aonde tinha vindo somente para falar comigo, devolver-me a cópia, e manifestar de viva voz o quanto apreciara o meu trabalho. E disse ainda que já tinha conseguido dois editores. (Basbaum, 1978, p.228)¹¹

A estrutura do primeiro volume foi dividida em quatro partes, cada uma contando com, em média, quatro a seis capítulos. Na primeira parte, são trabalhadas as raízes do surgimento do Brasil colonizado, expondo a situação econômica e política dos países colonizadores, seus objetivos, a relação entre povoamento e ocupação da terra, o trabalho escravo. Nas três partes seguintes são tratados, respectivamente, a monarquia, o ideal republicano e a queda do Império. Tudo isso para perseguir o objetivo de entender a implantação da república e suas causas, através de seus fundamentos econômicos, políticos e sociais, bem como “a origem primeira de nosso atraso, como nação e como povo, em relação a outras nações e outros povos”. (Basbaum, 1986, p.277)

⁹ Esta estratégia do PCB será desdobrada e esclarecida no item 3.

¹⁰ O primeiro volume chegou a ter um prefácio escrito por Haddock Lobo: “Um das cópias entreguei-a ao professor Haddock Lobo, que eu não conhecia pessoalmente, mas era mestre de História do meu filho Hersch, no colégio Rio Branco. O professor gostou do livro e, para prová-lo, escreveu para ele um prefácio que infelizmente não foi aproveitado porque, na intranquilidade daqueles dias, eu o perdi”. (Basbaum, 1978, p.228) A referência de Basbaum à “intranquilidade daqueles dias” significa o momento em que teve as maiores dificuldades financeiras, mudanças de moradia, mudança de estado, de trabalho ou mesmo o total desemprego.

¹¹ Destaco este aspecto para ressaltar as dificuldades editoriais que rondavam o Brasil naquele momento, principalmente de um autor isolado, e para registrar a validade histórica da empreitada a qual Basbaum se propunha e que chegaria a quatro volumes.

Pautado por uma concepção de que no Brasil tínhamos relações feudais – o que não deixa de ser uma influência da leitura que o PCB tinha sobre a formação brasileira – Basbaum conclui que o Império já havia nascido com “os germes de sua própria ruína”, porque alimentou, ao invés de destruir, “a enfermidade que havia herdado do período colonial – o latifúndio, as relações feudais de produção, o escravismo”. (Basbaum, 1986, p.277) E dá os indicativos para a futura retomada da questão republicana no volume dois, adiantando que, por uma série de circunstâncias ocasionais, “foi a República proclamada, constituída e governada durante cinco anos, pelo primeiro grupo, a pequena burguesia romântica”. Mas, pelas raízes aristocráticas e latifundiárias, o poder acabou “caindo em mãos do segundo grupo, organizado principalmente no partido Republicano Paulista”. (Basbaum, 1986, p.279). A configuração de classe do Império para a República é assim definida:

A História do Império é, pois, antes de tudo o processo dessa classe, a aristocracia rural do açúcar, como a História da segunda República será o processo de uma outra classe, a dos fazendeiros de café. (Basbaum, 1986, p.278)

Ainda digna de registro é a lucidez apresentada por Basbaum, neste primeiro volume, no que diz respeito à crítica ao pensamento conservador no Brasil. Isso fica claro, logo nas primeiras páginas, quando ele está justificando a maneira como pretende dizer sinceramente tudo o que pensa (e como mudar) o país em que vive, a fim de se diferenciar em relação aos chamados “intérpretes do Brasil”, pelo menos aqueles consagrados pela literatura:

Há os que procuram basear o desenvolvimento e a formação de nosso país numa pseudo “família patriarcal” e outros que buscam essas causas no “clima dos trópicos”. Para uns ela é a história de uma raça superior, dolicocefala, em luta para dominar uma raça inferior, braquicefala. Para outros a História do Brasil se desenvolveu condicionada pela natureza geográfica. E outros, ainda, acreditam que a origem de nossos males se encontra no fato de não termos carvão em nosso subsolo e não sermos tão ricos quanto pensamos. (Basbaum, 1986, p.12)

Com isso, Basbaum apresenta sua disposição em apresentar uma história do Brasil pautada no que ele chama de uma nova interpretação, à luz da classe que “constitui o grosso da sua população” e que “mais tem contribuído com os seus músculos e o seu sangue” para fazer a história e que os “nossos historiógrafos não têm tomado conhecimento”. Ele proclama que essa classe interprete a história “do seu ponto de vista, pondo à luz as deturpações, as falsificações, as sonegações e os privilégios”. (Basbaum, 1986, p.15) Além disso, ele nomina os “intérpretes” conservadores:

Dentre esses historiógrafos mais arraigados às convicções e ao ponto de vista das classes dominantes, devemos destacar particularmente Oliveira Viana, Pedro Calmon e Gilberto Freyre. (Basbaum, 1986, p.15)

Para aferir sua posição, Basbaum cita Caio Prado Jr, quando afirma em *Evolução política do Brasil*, de 1933, que os grandes feitos e grandes heróis da história brasileira são

cunhados pelos interesses da classe dominante. (Cf. Prado Jr., 2006). E afirma peremptório: “A classe que deve reexaminar e reescrever a História do Brasil é sem dúvida o proletariado”, reconhecendo que, como classe, o proletariado “só muito recentemente penetrou em nossa História”, mas que ele é o “descendente direto – físico e espiritual – de toda uma série de gerações espoliadas, provindas da escravidão e da vida miserável dos feudos”. (Basbaum, 1986, p.16)

Assim que o primeiro volume foi publicado, em 1957, Basbaum começou a preparar os originais do segundo volume. Foi um momento difícil de sua vida, pois a quase nula atividade no PCB confirmou-se, com o afastamento definitivo. Foi o período em que os efeitos do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (de 1956), tinham chegado ao Brasil.¹² Basbaum estava num emprego mediano – instrutor de propagandistas do Laboratório Moura Brasil¹³ – sem condições de retomar qualquer possibilidade de atuar de acordo com sua formação médica. Estava fora do partido, onde havia dedicado muitos anos de sua vida: “Eu estava agora com perto de 50 anos, e tinha a terrível impressão de que ainda não começara a viver, porque ainda nada havia feito”. E fez para si mesmo a pergunta que lhe incomodava profundamente: “Pensava que toda a minha vida tinha sido uma frustração e agora, quase cinqüentão, eu me via na contingência de começar tudo de novo. Onde era que eu havia errado?” (Basbaum, 1978, p. 229). Estava nesse momento sem absolutamente nenhum contato político. Para continuar enfrentando essa situação frustrante, naquela altura da vida, ele se lança à segunda empreitada sobre a redação de uma história do Brasil: “Assim, comecei a preparar o 2º. volume da *História Sincera*, o que, sobretudo, me distraía e me impedia de pensar sobre as voltas que o mundo dá, e como ficamos tontos com essas voltas”. (Basbaum, 1978, p.229)

O período retratado no segundo volume corresponde à Primeira República: de 1889 a 1930. Basbaum dedica este livro a Heitor Ferreira Lima.¹⁴ A primeira parte trata da “República da Espada”, que termina com o que Basbaum denomina de conflito entre o café e a espada: a república passa a ser governada pelo “Reino do café”, título que o autor dá à segunda parte do livro. Nela, são retratadas as transformações econômicas e o caráter que assume o desenvolvimento capitalista no Brasil que, em linhas gerais, é assim definido:

Faltava, inicialmente ao capitalismo que se transplantava para o nosso país, o *operário livre*. A produção à base de trabalho escravo se processava dentro de *sistemas fechados* de origem feudal, criando entre nós um sistema peculiar de produção, misto de capitalismo, escravismo e feudalismo, que durou, com algumas

¹² Detalhes desse momento serão referidos nos itens 3 e 4.

¹³ Depois de trabalhar muitos anos na gerência das Lojas Brasileiras – opção que implementou para poder atuar com mais tempo no partido – o que a profissão de médico não permitiria – Basbaum chegou a ter uma pequena fábrica metalúrgica em São Paulo, na época do segundo governo Vargas. As restrições de crédito dos bancos e a alta diária das matérias-primas levaram-no à bancarrota.

¹⁴ Heitor Ferreira Lima é autor que também faz parte da presente Coletânea.

variações de forma, em regiões diversas, quase quatrocentos anos e está ainda bem longe de haver desaparecido. (Basbaum, 1968, p.89)

Basbaum busca compreender a estrutura arcaica e retrógrada, “sustentada pelos interesses colonialistas de nações mais fortes, já em pleno processo de produção capitalista” (Basbaum, 1968, p.89), definindo-a como uma das mais importantes causas do atraso brasileiro no caminho do desenvolvimento capitalista e do enriquecimento nacional. Sua análise deste período vai aprofundar a razão do Brasil ficar estagnado numa economia essencialmente agrícola, de produtividade débil. Daí ele concluir que o sistema de produção no país estava muito mais próximo de relações arcaicas feudais do que propriamente do chamado verdadeiro capitalismo, o capitalismo industrial. Porém, é importantíssimo registrar que Basbaum não deixa de reconhecer que “as primeiras explorações agro-industriais em nosso país” datam “do século da descoberta” e tiveram “origens capitalistas”. No entanto, “ao instalarem-se aqui adquiriram novas formas bem diferentes das formas clássicas do capitalismo europeu”. (Basbaum, 1968, p.89)

O destaque deste aspecto é importante porque sua interpretação do Brasil jamais vai desconsiderar a importância da necessidade da solução para a questão agrária. Para estudar a origem e o desenvolvimento do capitalismo num país como o Brasil, o autor desenvolve o conceito de *acumulação de segundo grau* que significa uma diferenciação em relação à *acumulação primitiva* que caracterizou o surgimento do capitalismo na Europa, dizendo que “quando o capitalismo começa realmente a desenvolver-se no país, já este sistema econômico-social dominava a Europa e parte da América” (Basbaum, 1968, p.90), isto é, durante pelo menos três séculos, “os elementos capitalistas trazidos da Europa” teriam permanecido praticamente inertes:

No século XIX esse débil capitalismo começa a criar nova vida, mas é somente no alvorecer deste século que ele surge na verdade em nosso país como se fora recriado, à base de uma acumulação que se não é primitiva também não é ainda capitalista. Essa recriação do capitalismo poderia ser designada como uma espécie de *acumulação em segundo grau* e dele surgiu verdadeiramente o capitalismo nacional. (Basbaum, 1968, p.90)

O livro continua – ainda dentro do item “Reino do café” – a tratar do período em que a atuação do Partido Republicano Paulista (PRP) é hegemônica e a oligarquia cafeeira se impõe definitivamente. Nesse sentido, Basbaum privilegia demonstrar a formação da infraestrutura que deu suporte a essa oligarquia, tratando dos transportes, comércio externo e câmbio, finanças internas e, conseqüentemente, todas as mudanças urbanísticas e de saneamento que foram forçadas a se desenvolver. Logicamente, o papel do estado de São Paulo é tratado com destaque, mas o autor não deixa de mesclar esta análise urbana e local com a conjuntura internacional, notadamente no que diz respeito ao imperialismo inglês. Ele dedica um item inteiro do livro a

esta análise, descrevendo o processo de penetração imperialista sofrida pelo Brasil naquela divisão internacional do trabalho, oriunda do pós primeira guerra mundial.

Na sequência, Basbaum trabalha o conceito de povo em meio à evolução das relações de classe, o que dá a seu estudo uma marca original, principalmente se considerarmos que os volumes tinham sido pensados como uma maneira de reescrever a história do Brasil, a partir da perspectiva do proletariado. Interessante notar que não faltaram referências às classes médias, ao que ele chama de sub-classes rurais, ao proletariado propriamente dito – na formação social pré-1930 – e a especificidade do papel do negro. Para completar, o autor trabalha as bases políticas sobre as quais o período se articulava, mostrando inclusive o funcionamento da máquina eleitoral. Esta segunda parte do livro é encerrada, trabalhando três aspectos: a) a evolução cultural que a república conheceu no pós-1889, descrevendo o papel do ensino, da ciência e da filosofia, e da arte e literatura; b) a criação do Partido Comunista em meio à situação do proletariado e das lutas e organizações operárias na década de 1920; c) as “agitações revolucionárias”, assim designadas por Basbaum para referir-se “de Canudos a Copacabana”, o movimento tenentista de 1924, e a Coluna Prestes. (Cf. Basbaum, 1968, p.218).

O segundo volume de *História sincera da república* é encerrado caracterizando o momento da crise de 1929 e o esgotamento da Primeira República como “O império do dólar”, título que Basbaum dá à terceira e última parte do livro, analisando o que designou como “a invasão americana”. (Basbaum, 1968, p.241) Ele conclui que, embora estivesse escrevendo o livro sobre eventos ocorridos há cerca de 30 anos, era muito difícil dar conta de todos os elementos que envolveram a ocorrência dos fatos. E que, desde o primeiro ano seguinte à Revolução de 1930 – e desde então – havia sido produzido um conjunto de livros e depoimentos. Mas que, em sua grande maioria, eram “contribuições, de qualquer modo, se não valiosas, pelo menos úteis, pelos testemunhos que representam, embora se sinta que, como nas novelas policiais ‘não dissessem tudo o que sabiam’”. (Basbaum, 1968, p.285) Dentre estes, o autor destaca os estudos de

Virgílio Melo Franco (*Outubro-30*), Maurício de Lacerda (*Segunda República*), Sertório de Castro (*A República que a revolução destruiu*) e Barbosa Lima Sobr. (*A Verdade sobre a Revolução de Outubro*). Este sem dúvida o melhor de todos, pois além de narrar os fatos mais importantes e decisivos procura analisá-los e buscar suas causas. Mas como todos os demais, analisa os fatos *do ponto de vista das classes dominantes*. O que é perfeitamente natural. (Basbaum, 1968, p.285, último grifo é meu)

Com sua habitual “sinceridade”, Basbaum esclarece que – em termos de uma história que passasse a ser escrita numa ótica diferente da classe dominante – seu trabalho e sua intenção eram apenas de dar um “sinal de partida”, pois o futuro diria “até que ponto nos aproximamos da verdade, utilizando os poucos elementos de que dispúnhamos”, a saber, “a situação real do

país na época e as contradições internas; as notícias dos jornais e os depoimentos de alguns personagens e observadores, expostos em livros; o conhecimento pessoal do Autor”. (Basbaum, 1968, p.286) A diferença entre o autor e os demais historiadores (a que ele se refere) era básica: enquanto Basbaum assumia que escrevia segundo uma perspectiva específica e sem intenção de neutralidade – assumindo suas paixões – as demais “interpretações” se apresentavam como se fossem uma versão objetiva – leia-se “neutra” – dos fatos. Talvez para deixar este aspecto ainda mais claro, o autor presenteia os leitores do segundo volume de sua *História sincera* com três Apêndices. O primeiro é um *Testemunho inédito de Quintino Bocayuva* sobre fatos ocorridos na madrugada de 15 de novembro de 1889, documento inédito que Basbaum conseguiu em suas pesquisas junto ao “Sr. Lair Bocayuva Bessa, neto do ilustre republicano” (Basbaum, 1968, p.303). O segundo é um artigo de *A Classe Operária*, n.96, de agosto de 1930, distribuído como volante pelo Partido Comunista pelas ruas e locais de trabalho, na mesma data, e que contém o texto “Resposta do proletariado a Luiz Carlos Prestes”. E o terceiro é uma entrevista de Octávio Brandão, publicada no verso do documento anterior, que *O Jornal* (que publicou a crítica de Prestes ao documento) não publicou a versão de Brandão, e que contém os elementos que perpassavam o debate sobre a Frente Única Revolucionária.

Enquanto escrevia o segundo volume, que acabou de ser referido, Basbaum teve que interromper por um pequeno período seus esforços de concluí-lo, pois passou por transformações pessoais mais decisivas, para além daquelas que o envolviam em situação financeira difícil. Em 1956, separou-se de sua primeira esposa e foi viver na Bahia, de onde havia saído em 1939. Em Salvador vivia mal, de novo com um emprego ligado à venda de farmacêuticos. Não deu certo. Morava mal, num hotel insalubre, com iluminação insuficiente para continuar – pelo menos – estudando e escrevendo seu livro. Voltou, desta vez, para o Rio de Janeiro, onde fez uma última tentativa de – quem sabe – atuar como médico. Era o ano de 1957.¹⁵ Foi quando terminou de escrever o segundo volume: “Levei os originais ao Carlos Ribeiro que, dado o êxito do 1º. volume, se dispôs a editar também o 2º. volume”. (Basbaum, 1978, p.235)¹⁶ A publicação efetiva do 2º. volume se deu exatamente em outubro de 1958.

No interregno entre o segundo e terceiro volumes de *História sincera da república*, Basbaum se põe numa empreitada diferente: escrever um novo livro sobre o Brasil – separado da Coleção –, desta vez perseguindo o único objetivo de analisar a conjuntura brasileira da

¹⁵ Basbaum não ficará muito tempo no Rio de Janeiro, pois não conseguirá viver da atividade como médico. Segundo ele mesmo, estava desatualizado demais e era impossível se estabelecer com consultório próprio naquela altura da vida. Seguirá para São Paulo, onde vai se casar novamente.

¹⁶ É interessante registrar o sucesso de vendas do primeiro volume: “No começo de 1957, creio que em março, saiu o 1º. volume da *História sincera*. Durante uns dois meses se manteve entre os cinco livros mais vendidos no Rio e isso, é claro, me trouxe uma alegria de que eu estava precisando. E ânimo para terminar o 2º. volume, o que realmente aconteceu pouco tempo depois”. (Basbaum, 1978, p.235)

época: fim dos anos 1950. Trata-se de *Caminhos brasileiros do desenvolvimento*. Escreveu a partir de outubro de 1958 e publicou em abril de 1960: “Esse foi um dos meus livros de maior venda, pois uma edição de cinco mil exemplares esgotou-se em menos de um ano. No Brasil, é uma boa venda. Saiu em 1960”. (Basbaum, 1978, p.254)

Este livro foi fruto da participação de Leôncio Basbaum nos cursos do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, já que estava no Rio de Janeiro. O autor pretendia abordar questões políticas e econômicas: “Do ponto de vista econômico, porém, notei que minha ignorância era quase completa”. (Basbaum, 1978, p.244) Foi quando decidiu frequentar os cursos do ISEB, que eram destinados ao público em geral, e traziam um debate sobre as alternativas que o país poderia perseguir para seu desenvolvimento. Esses cursos eram fruto da produção teórica de intelectuais brasileiros – tendo à frente o cientista político carioca Hélio Jaguaribe – que se punham como uma *intelligentsia brasileira*, a fim de auxiliar o governo brasileiro em suas tarefas. Basbaum faz um balanço: “Sem dúvida eu sabia alguma coisa, tinha estatísticas, números, informações diversas sobre vários produtos agrícolas e industriais” (Basbaum, 1978, 244), mas faltava-lhe algo. Ele pondera: “não me largava a impressão de que, em todos aqueles dados, havia algo de secreto, que não transpirava através dos números” somente acessível aos que “estivessem por dentro do assunto”. E toma sua decisão: “Foi quando descobri que em breve começariam as aulas do ISEB” onde “eu acreditava, os problemas econômicos brasileiros certamente deveriam ser bem estudados”. (Basbaum, 1978, p.244)

Acho importante registrar a postura crítica que Basbaum vai desenvolver em relação às soluções propostas pelo ISEB em sua primeira fase, isto é, aquela que acompanhou o governo Juscelino Kubitschek.¹⁷ Sua principal crítica será sobre a pouca importância que os isebianos vão atribuir à questão agrária.

Aos poucos fui verificando que, em matéria de Economia Política, no que se referia aos problemas brasileiros, eu estava simplesmente perdendo tempo, pois o que ensinavam era totalmente contrário aos meus pontos de vista. Por exemplo, não tomavam conhecimento da reforma agrária, problema que para eles, para o ISEB, não existia. (Basbaum, 1978, p.245)

Também foi conflituosa, para o pernambucano Basbaum, a posição dos isebianos sobre o Nordeste:

Adotavam, ainda, em relação ao Nordeste, uma estranha filosofia: desenvolver o desenvolvido, o que significava lançar todas as forças e todos os investimentos no Sul, onde já havia um processo de desenvolvimento intensivo – o que era moda na época – e abandonar o Nordeste à sua própria sorte. De lá apenas se aproveitava o

¹⁷ O ISEB é marcado por duas fases bem distintas. Na primeira, a ênfase é sobre um projeto nacional-desenvolvimentista. Na segunda, a ênfase é sobre um projeto de revolução brasileira. Aprofundamentos sobre o ISEB (1955-1964) e sua atuação – tanto na fase juscelinista, quanto na fase que acompanhou o governo João Goulart – podem ser buscados em Lovatto (2010a e 2010b).

elemento humano, que fornecia boa e barata mão-de-obra para as indústrias do Sul. (Basbaum, 1978, p.245)

Como Basbaum desenvolve este raciocínio crítico em relação ao ISEB – dos excertos aqui extraídos – em seu livro de *Memórias* (que terminou de escrever em dezembro de 1968-fevereiro de 1969), ele não deixa de fazer um acerto de contas com as concepções que tinha em 1960 sobre aquele instituto: “Sei que, mais tarde, mudaram essa filosofia, a ponto de apoiar a SUDENE que Juscelino, depois de muitas críticas ao seu programa de metas, acabara por adotar. Mas eu já não estava mais lá” (Basbaum, 1978, p.245)¹⁸

Vou aqui expor em breves traços a leitura que Basbaum desenvolve em sua aventura no campo da economia, com *Caminhos brasileiros do desenvolvimento* (1960),¹⁹ cujo estímulo – além do curso no ISEB – foi também oferecido pelo diretor da Editora Fulgor, Pedro Fanelli, que “me havia pedido que escrevesse um trabalho justamente sobre o assunto: a presente conjuntura econômica e política”. (Basbaum, 1978, p.252)

Começando por sua conclusão, Basbaum entende que “Os caminhos brasileiros do desenvolvimento são, assim, *o caminho do socialismo pela via do desenvolvimento capitalista*”. (Basbaum, 1960, p.286) Ou seja, o autor aposta explicitamente numa revolução de caráter democrático-burguês como o caminho para chegar ao eventual desenvolvimento de uma proposta para a implantação do socialismo no país. Diga-se de passagem, esta visão – além de coincidir com a leitura feita pelo próprio PCB, como já apontamos – era também a visão predominante no ISEB, onde se desejava mais o desenvolvimento capitalista e menos o caminho para o socialismo.²⁰ Ele chegou a essa proposta após vários capítulos iniciais do livro, onde faz um balanço sobre o desenvolvimento da economia política clássica, entendendo que ela não contemplou a existência de países subdesenvolvidos. (Cf. Basbaum, 1960, p.14)

Para justificar essa posição assumida do ponto de vista estratégico, Basbaum afirma que “a revolução burguesa passa a ser *democrático-burguesa*” porque ela resolveria as contradições que “impedem o desenvolvimento do capitalismo” e, do ponto de vista tático, ele entende que “dessa revolução – pacífica – participam as amplas massas do povo, particularmente o proletariado”. (Basbaum, 1960, p.264)

¹⁸ SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

¹⁹ Quero destacar que a edição do livro teve o cuidado de trazer, colada na última página, um quadro em papel tamanho A-3 (dobrado) com um detalhamento importante sobre dados estatísticos de vários ramos da indústria brasileira, referidos por Basbaum ao longo de seus capítulos. Até hoje este quadro é um importante referencial para a análise da economia naquele momento.

²⁰ No entanto, é bem verdade que, mesmo para o autor mais conservador entre os intelectuais do ISEB, Hélio Jaguaribe, o Brasil poderia buscar uma terceira via para seu desenvolvimento – como alternativa à dicotomia imposta pela Guerra Fria – que se resumia no conceito de “socialização do capitalismo” (Cf. Lovatto, 2010a, especialmente capítulo 4).

Percebe-se assim, que as eventuais divergências que Basbaum desenvolvia em relação às estratégias do PCB eram muito mais no campo da não aceitação de modelos impostos a partir de Moscou – e que, evidentemente negligenciavam a particularidade brasileira – do que no campo da estratégia a ser implementada para a revolução brasileira, rumo ao socialismo.

Havia, em verdade, para o autor, um problema de tempo, isto é, se no desfecho desse processo de desenvolvimento da revolução democrático-burguesa a classe que estivesse à frente fosse o proletariado (e não a própria burguesia), “as possibilidades são de que o processo se transforme mais rapidamente, e que o caminho para o socialismo seja mais curto” (Basbaum, 1960, p.264). Após esta etapa inicial – alcançadas as condições para a transição ao socialismo – seriam necessárias mais duas etapas: na primeira, a posse do poder pelas forças revolucionárias socializantes; na segunda, “a construção de um socialismo brasileiro, adaptado às circunstâncias e características particulares de nosso país”. (Basbaum, 1960, p.285) Ele avança sua reflexão, chegando ao ponto de apontar que, nesse processo de transição, durante algum tempo coexistiriam, no Brasil, “três formas diferentes de propriedade dos bens de produção: a individual, capitalista; a estatal, socialista; e a coletiva ou cooperativa, de auto-gestão”. (Basbaum, 1960, p.290)

Como outras tantas visões da época, Basbaum também padece da visão fatalista da história, que entendia o socialismo como um destino natural, após a etapa capitalista: “O socialismo é um processo natural que surge do desenvolvimento das forças produtivas” e que “as contradições que esse desenvolvimento engendra só podem ser resolvidas pelo socialismo, ou pelo aniquilamento da sociedade”. (Basbaum, 1960, p.290-91).

O período republicano precisava ser finalizado

Após o breve hiato relatado, Basbaum volta suas baterias para a conclusão do projeto de *História sincera*, com a dedicação ao efervescente período de 1930 a agosto de 1961, ou seja, seu volume três. O original ficou pronto “no fim desse ano de 1961 e saiu nos primeiros meses do ano seguinte” (Basbaum, 1978, p.265) Desta vez, a dedicatória é feita “À memória dos que tombaram na luta por um Brasil melhor”. (Basbaum, 1991, p.5)

O volume é organizado em três partes bem delimitadas: 1) “O Brasil-Novo” trata do período de 1930 a 37; 2) “O Estado Novo” do período propriamente dito; 3) “A nova Constituição” – maior parte – trata do pós-1945 até a renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961.

Nos volumes anteriores, Basbaum não havia privilegiado a adoção de uma exposição cronológica dos fatos, o que ele modifica neste terceiro, esclarecendo que “quanto ao método expositivo” tinha preferido, “por força de determinadas circunstâncias” realizar uma narração “dos fatos em ordem cronológica”. (Basbaum, 1991, p.9) Justifica que era ainda muito cedo para que se pudesse historiar esse período de 1930 a 61, “tão próximo de nós, quando muitos dos principais personagens ainda se acham presentes e os documentos, ocultos”. (Basbaum, 1978, p.9) Daí sua opção por basear-se “apenas em depoimentos de algumas testemunhas, prestadas em livros ou pessoalmente obtidos, no noticiário da imprensa da época, e na experiência pessoal do autor que viveu e sentiu esse período participando de alguns dos episódios narrados”. (Basbaum, 1991, p.9) Essa mesma advertência, o autor fez – anos mais tarde – em seu livro de *Memórias*: “Os fatos mais importantes que aconteceram a seguir [pós-1945], e relacionados com a história do PCB, estão narrados no 3º. volume de minha História Sincera da República e não vou repeti-los, senão na medida do indispensável”. (Basbaum, 1978, p.199)

Ele alerta o leitor de seu terceiro volume que continuava tentando perseguir o “verdadeiro sentido da História”, com a preocupação de “compreender os fatos expostos, identificar suas origens, correlações e conseqüências”, mas que não se esperasse “grandes revelações”, embora muitos dos fatos narrados fossem “no todo ou em parte desconhecidos do grande público”. Ressalva, no entanto, que o livro também trazia outros fatos que “são pela primeira vez divulgados”. (Basbaum, 1991, p.9)

Os primeiros 15 anos – de 1930 a 45 – e que cobrem o período do longo primeiro governo Vargas, foi de atividade de Basbaum no PCB, de forma mais intensa até 1933 e à distância até 1945.²¹ Por isso, a narração mistura-se, propositalmente, com as próprias posições assumidas pelo autor naqueles embates e as críticas, que desde aquele momento, ele fazia a algumas das principais orientações do partido. Ele analisa que, em 1945, “com a queda de Getúlio Vargas, termina o ciclo revolucionário iniciado por volta de 1922”, no sentido de que encerrava-se definitivamente a geração dos chamados “heróis de 30” que, segundo Basbaum, “não souberam resistir aos encantos do poder, desgastados que foram pelas acomodações, pelo uso e abuso das vantagens que o mesmo lhe conferira” (Basbaum, 1991, p.148). E arremata:

Ao descer o pano sobre os dois últimos atos, intitulados respectivamente “Brasil-Novo” e “Estado Novo”, temos todo o direito de examinar a peça e os atores que dela participaram. E chegaremos certamente à conclusão de que o espetáculo não valeu o preço da entrada e que teria sido melhor termos ficado em casa. (Basbaum, 1991, p.148)

²¹ Os detalhes deste afastamento serão discutidos no item 4.

Os últimos 16 anos – 1945 a 61 – foi, ao contrário dos primeiros, uma seqüência de vários governos. O primeiro nascido de um golpe, o segundo interrompido por um golpe, um interregno atribulado, e um terceiro governo que precisou de um golpe para poder tomar posse. Ao quarto e último governo interrompido, o autor dedica um Apêndice inteiro: a renúncia de Quadros. Apesar de ser chamado comumente de período da democratização do Brasil, a grande verdade é que a democracia foi o aspecto mais frágil a ser destacado. A exposição de Basbaum nos remete a essa percepção, porque narrada e perpassada por sua própria atividade e inserção na realidade: “Quinze anos são como quinze segundos na história de uma nação, quando nos referimos ao seu passado”. Porém, “quando falamos do presente, quando sentimos esses anos na própria carne, parecem quinze séculos”. (Basbaum, 1991, p.226)

Fazendo uma síntese sobre a política e os partidos, mas principalmente sobre a economia do período, Basbaum – embora reconheça que a partir da constitucionalização, tenha havido inegavelmente um sensível progresso material – não deixa de apontar as conseqüências de uma expansão industrial desenfreada e prejudicial ao desenvolvimento autônomo do país, em função da Instrução 113 da SUMOC²² “que permitiu a entrada de equipamentos industriais estrangeiros com câmbio favorecido, em prejuízo do capitalismo nacional” (Basbaum, 1991, p.227). Essa medida deu uma aparente, mas falsa, impressão de rapidez no desenvolvimento – com o famoso discurso que depois será conhecido como “50 anos em 5” – e sem resolver o problema estrutural, que estava localizado no campo: “Para 1948 igual a 100 a produção industrial atingiu a 262, enquanto a produção agrícola apenas a 149”. (Basbaum, 1991, p.227) Aponta também a perda crucial deste período:

Esses investimentos obrigaram todavia o país a uma enorme descapitalização, pois a remessa de lucros, *royalties* e dividendos aos capitalistas estrangeiros, absorvia a maior parte dos dólares que nos vinham dos saldos da exportação. (Basbaum, 1991, p.227)

Ele analisa os partidos políticos do período, da direita à esquerda, fazendo referências especiais ao PTB e ao PCB. Sobre o primeiro, analisa que permanecia em “sua política getulista de aproximação das massas populares sindicalizadas” e que, por isso, não perdia força. E sobre seu partido, após analisar o breve período de legalidade pós-1945 e as intercorrências entre os anunciados ataques a Vargas – e posterior mudança radical de posição, passando pelo período da chamada desestalinização – conclui:

Quanto ao PCB, estes últimos anos marcaram o seu desaparecimento, quer como força política organizada quer como elemento polarizador dos grupos progressistas. Para isso contribuíram: os erros contínuos cometidos pelo mesmo na condução e na aplicação da linha política frente aos problemas brasileiros; seu

²² SUMOC – Superintendência da Moeda e do Crédito.

alheamento desses problemas, fazendo sua política girar em torno dos problemas da política externa soviética. (Basbaum, 1991, p.230)

Ainda com relação ao PCB, aponta também que a luta interna entre grupos estalinistas, “desalojados da direção e sua substituição por grupos hesitantes preocupados unicamente em manter-se nos postos conquistados” foi fatal para o fortalecimento de sua ação junto às massas. Mais do que isso, ele considera que esta atitude teria levado o partido a uma “desmoralização perante as massas principalmente em virtude de sua política de ‘venda de votos’ a quem mais pagar, nas vésperas das eleições”, cuja manifestação mais concreta era sua “associação com os mais conhecidos e desmoralizados ‘pelegos’, na disputa das diretorias dos sindicatos operários. (Basbaum, 1991, p.230)

Mas de todas as críticas feitas por Basbaum, no período, à atuação do PCB, com certeza a mais importante e que levou-o, no limite, a afastar-se definitivamente do partido, está relacionada à realização e aos desdobramentos do IV Congresso do partido, ocorrido em 1954. O III havia acontecido em 1928. Ele descreve, sem volteios, que esse congresso “não representava o pensamento da base do partido de vez que os delegados não foram eleitos pelas bases mas escolhidos a dedo pelos dirigentes do Comitê Nacional, entre seus amigos de mais confiança” (Basbaum, 1991, p.230). Tudo girava em torno de um *programa*, “muito estranhamente elaborado em Moscou”, portanto afastado de uma real análise sobre a realidade brasileira. Ele afirma que, entre outras curiosidades, “havia um capítulo inteiro sobre Getúlio Vargas, acusando-o de ‘instrumento do imperialismo americano’ e convocando o povo para derrubá-lo” (Basbaum, 1991, p.231). No entanto, por paradoxal que pudesse parecer, “no mesmo dia em que se processava a discussão desse famoso documento, Getúlio se suicidava, justamente por resistir a pressões do imperialismo” (Basbaum, 1991, p.321). Basbaum acusa, com sarcasmo, a guinada de posição do PCB, dizendo que o partido “em 24 horas passara de inimigo a amigo do presidente morto”, já que, ainda no dia 23 de agosto, o PCB havia aderido “à onda de calúnias da UDN para a derrubada de Getúlio” e, no entanto, “no dia 25 buscava um jeito de colocar-se à frente do povo que, indignado e revoltado com o desfecho do drama político, desejava vingar-se nos udenistas”. (Basbaum, 1991, p.231)

A experiência vivida no partido permitia-lhe apontar que esse tipo de política – que ele denominava de oportunista – havia provocado um desgaste incomensurável em suas fileiras. E que o “golpe de morte” teria sido dado pelo XX Congresso do PCUS:

O PCB não resistiu ao impacto provocado pelas resoluções que tentavam eliminar o *culto da personalidade* e o mito de Stalin. Para o Brasil isso significava a eliminação do culto de Prestes e dos pequenos prestes que o cercavam e dominavam com mão de ferro o PCB. (Basbaum, 1991, p.231)

O autor fecha a análise do terceiro volume de sua *História sincera*, fazendo um balanço que entendia que “quinze anos de democracia e constituição” não tinham conseguido resolver a almejada emancipação econômica e política do país. Porém, com todas as idiossincrasias do processo, ele afirmava que havia restado algo de positivo, “muito mais importante do que as numerosas fábricas de dólares para os americanos”: a formação de uma consciência popular que – no entender de Basbaum – “já se desenhava timidamente desde pouco antes de 1930” e que agora – 1961 – “tomava mais consistência e objetividade” (Basbaum, 1991, p.232).

O quarto e último volume de *História sincera* só veio a ser escrito após o golpe de 1964. A interrupção abrupta de tudo que vinha acontecendo nas lutas sociais no Brasil do pré-1964 foi um corte visceral em todas as energias e, pior que isso, um momento de difícil – e literal – luta pela sobrevivência. Nas *Memórias*, Basbaum faz uma descrição dos últimos momentos do governo Jango, referindo-se à visita de um amigo – “o meu amigo G., de Brasília” – exatamente no dia 31 de março de 1964, confidenciando-lhe algumas questões do Presidente, pois gozava de uma relativa intimidade com ele: “Disse-me que o Presidente se sentia abandonado pelos seus melhores amigos e partidários políticos, e estava sendo afastado do povo” e que “gostaria ele que esse povo, pelo qual estava lutando, pudesse sustentá-lo para deter seus inimigos na área civil, parlamentar e militar, a fim de que pudesse realizar o seu programa” (Basbaum, 1978, p.269). Neste mesmo texto, Basbaum se limita a afirmar que “Não me vou referir às conseqüências do golpe de 31 de março para o Brasil. Já os estudei, nos limites de minha capacidade, no 4º. volume de minha *História sincera*, que foi publicado no começo deste ano de 1968” (Basbaum, 1978, p.271). Mais adiante, em outro momento do relato de suas *Memórias*, Basbaum faz uma nova referência à data de publicação do quarto volume: “Mas foi somente em princípios de 69 (sic!) [o ano é de 1968]²³ que consegui reunir ânimo e forças para reagir contra o abatimento que se havia apossado de mim”.²⁴ Explica: “Comecei a trabalhar no 4º. volume da *História sincera*, que terminei em menos de três meses. O livro saiu em fins de maio” (Basbaum, 1978, p.295, grifo meu).

Nosso autor contava já com 61 anos. Certamente – dos quatro volumes – foi o que escreveu em menos tempo. O período retratado – embora mais curto (de 1961 a março de 1967) – tinha tomado praticamente o mesmo número de páginas dos anteriores. O volume é dedicado ao “amigo e editor” Pedro J. Fanelli.

²³ Embora esteja grafado 69, com certeza é um erro dos originais ou da edição, pois ele fala da publicação do livro em fins do mês de maio daquele ano (1968). Se fosse 1969, não seria possível, pois o autor veio a falecer em 7 de março de 1969.

²⁴ Basbaum refere-se à notícia do falecimento de sua netinha mais velha, Ana Silvia, ocorrido em fins de 1968. (Cf. Basbaum, 1978, p.295)

Dividido em quatro partes, duas tratam exclusivamente do período Goulart e de sua queda. E as partes finais tratam do governo do primeiro presidente militar, Castelo Branco. Se desde os volumes anteriores, o autor sempre preocupou-se em declarar sua não neutralidade, neste último volume isso é tratado quase como uma obrigação: “Tratando-se de acontecimentos, a bem dizer de hoje”, isso faz do estudo “antes uma crônica viva, não a de um frio espectador que tenta captar e anotar os fatos para utilização futura” (Basbaum, 1977, p.9). Ele não entende o resultado de seu trabalho como um simples elenco de notas que possam ficar como registro “para um futuro historiador” mas “a de alguém que *sentiu* os acontecimentos e que, como tantos brasileiros na época – e ainda hoje – procura entender o que foi que aconteceu” (Basbaum, 1977, p.9)

O autor explica também que não pretendia, inicialmente, que o tema tão recente da história vivida fosse se tornar o quarto volume de sua coleção sobre a história da república. Ao contrário, ele havia pensado o texto como “um livro independente, que seria publicado sob o título de *A Fisiologia do Golpe*” (Basbaum, 1977, p.9). Esclarece que sua inclusão na série “foi uma sugestão do Editor, e se deve ao fato de que ele começa exatamente onde termina o 3º volume, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, a 25 de agosto de 1961” (Basbaum, 1977, p.9). E faz uma bem-humorada referência na abertura:

Os leitores talvez notem uma mudança de estilo entre este e os volumes anteriores. Isso se deve ao longo tempo decorrido, cerca de seis anos. Nesse intervalo o autor certamente mudou, pelo menos ficou mais velho – e mudou também o seu estilo. Mas os sentimentos são os mesmos. E o raciocínio também. (Basbaum, 1977, p.10)

E, de fato, o que mais se sente no relato feito neste quarto volume são os tons de indagação do autor, na verdade uma dada expressão de estar inconformado com a supressão da liberdade de agir, de se organizar, frente à violência crescente que o golpe foi implementando. Afinal, a reflexão cobre um período inicial recheado de manifestações de toda ordem: no campo, na cidade, das Ligas Camponesas, do CGT – Comando Geral dos Trabalhadores, dos estudantes através dos Centros Populares de Cultura da UNE, de novos partidos de esquerda nascendo – enfim – um momento peculiar das lutas sociais no Brasil. E depois o estudo do autor tinha que explicar a supressão de tudo isso. Como fazer?

No capítulo “As razões da queda” de Goulart, essas indagações de Basbaum aparecem sob variados aspectos. Exemplos: “Onde estavam aqueles milhões de eleitores que o haviam eleito vice-presidente em 1955?” (1977, p.65). “E os milhões de eleitores que o reelegeram para o mesmo cargo em 1960, mesmo fora da chapa vitoriosa de Jânio Quadros” (1977, p.65). “Onde estavam o Comando Geral dos Trabalhadores, o Pacto de Unidade e Ação, a União Nacional dos Estudantes, que apoiavam sua política nacionalista e as reformas de base planejadas? (1977,

p.65). “Onde estava o Partido Comunista Brasileiro, que nele votara, e com cuja volta à legalidade estava de acordo? (1977, p.66). “Onde estavam os milhares de sargentos, da Marinha e da Aeronáutica, do Exército, que por ele se sublevaram em 1961 e em 1963 e que o homenagearam ainda na véspera naquela noite fatídica de 30 de março de 1964, no Automóvel Clube? (1977, p.66).

Atualmente, mais de 50 anos após o golpe, os estudos já produzidos – principalmente após a anistia em 1979 – revelaram aspectos sobre as articulações nacionais e internacionais que culminaram no golpe de 1964, bem como as instituições políticas que o planejou e os financiamentos que possibilitaram sua efetivação. Mas quando analisamos uma obra produzida no calor daquele momento, é necessário ter em mente que aquelas informações ainda não eram tão públicas e muito menos podiam circular livremente, sem que seu autor – de alguma forma – fosse molestado por isso. Daí que a disposição de Basbaum em registrar essa “crônica viva” deve ser analisada com esse cuidado. E valorizada dentro de seus limites históricos, isto é, dentro do escopo e das circunstâncias em que a obra foi concebida e publicada.

REFERÊNCIAS:

- BASBAUM, Hersch Wladimir. *Cartas ao comitê central: história sincera de um sonhador*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- BASBAUM, Leôncio. *Caminhos brasileiros do desenvolvimento*. São Paulo: Fulgor, 1960.
- _____. *História sincera da república: das origens a 1889*. 5ª.ed., São Paulo: Alfa-Omega, 1986, vol.1.
- _____. *História sincera da república: de 1889 a 1930*. 3ª.ed., São Paulo: Fulgor/Alfa-Omega, 1968, vol.2.
- _____. *História sincera da república: de 1930 a 1960*. 6ª.ed., São Paulo: Alfa-Omega, 1991, vol.3.
- _____. *História sincera da república: de 1961 a 1967*. 2ª.ed., São Paulo: Alfa-Omega, 1977, vol.4.
- _____. *Uma vida em seis tempos: memórias*. 2ª.ed. revista, São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- _____. *Sociologia do materialismo*. 2ª.ed., São Paulo: Obelisco, 1959.
- _____. *No estranho país dos iugoslavos*. São Paulo: Edaglit, 1962.
- _____. *Processo evolutivo da história*. São Paulo: Edaglit, 1964.
- _____. *História e consciência social*. São Paulo: Edaglit, 1967.
- _____. *Alienação e humanismo*. São Paulo: Fulgor, 1967.
- LOVATTO, Angélica. *A utopia nacionalista de Hélio Jaguaribe: os tempos do ISEB*. São Paulo: Xamã, 2010a.
- _____. *Os Cadernos do povo brasileiro e o debate nacionalista nos anos 1960: um projeto de revolução brasileira*. Tese de doutorado, São Paulo: PUC, Banco digital de dissertações e teses, 2010b.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: Fernandes, F. (coord.) e Ianni, O. (org.). *Marx*. 3ª.ed., São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1982, p. 178-180.

PESSANHA, E.; NASCIMENTO, R. (orgs.). *Partido Comunista Brasileiro: caminhos da revolução (1929-1935)*: Rio de Janeiro, Programa de Preservação da Memória do PCB, Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – AMORJ, 1995.

PRADO Jr., Caio. *Evolução política do Brasil*. 4ª.ed., São Paulo: Cia das Letras, 2006.

RODRIGUES, Leôncio Martins. Um intelectual da velha guarda. In: BASBAUM, Hersch Wladimir. *Cartas ao comitê central: história sincera de um sonhador*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999, p.7-11.

SILVA, Angelo José da. Epístolas e parábolas ou de como os militantes comunistas procuraram sintetizar fé e razão. In: Revista *Novos Rumos*, São Paulo: Instituto Astrojildo Pereira, ano 20, n.44, 2005, p.41-50.

RECEBIDO EM 25-07-2015

APROVADO EM 27-05-2016